



# Saúde Informa

Boletim Informativo da Faculdade de Medicina da UFMG

Nº 41 - Ano V - Belo Horizonte, Outubro de 2014

## O primeiro caso

**N**asce o bebê da primeira gestante do Projeto Aninha diagnosticada com a doença falciforme pela triagem neonatal, realizada pelo Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad).

*Página 3*

### **MEDICINA**

*Pesquisa avalia sofrimento psíquico entre estudantes*

**4**

### **SAÚDE**

*Professores comentam o uso de medicamentos em tratamentos psiquiátricos*

**6**

### **PUBLICAÇÃO**

*Depressão em idosos tem relação com déficits cognitivos*

**7**



# Publicações

Nesta edição, o Saúde Informa conta a história da gravidez de Ana Paula Oliveira, a primeira gestante do Projeto Aninha que teve a doença falciforme diagnosticada pela triagem neonatal realizada pelo Nupad. A matéria também relata o acompanhamento feito pelo Ambulatório de Saúde Reprodutiva em Doença Falciforme do Projeto Atenção Especializada (PAE), do Cehmob-MG.

Você também poderá ler sobre a pesquisa que analisou o sofrimento psíquico entre os estudantes de Medicina que buscam apoio junto à Escuta Acadêmica da Faculdade de Medicina da UFMG. O estudo aborda ainda outros ambientes de acolhida da Instituição.

Nessa temática psíquica, o boletim também apresenta outras duas matérias: uma que médicos psiquiátricos analisam o uso e abuso de medicamentos para o tratamento de pacientes de saúde mental e uma outra que trata de artigo publicado, na revista *Molecular Psychiatry*, pelo professor do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG, Breno Diniz, sobre a relação da depressão em idosos com déficits cognitivos e doença de Alzheimer.

E para lembrar o Dia Mundial da Trombose, 13 de outubro, publicamos uma notícia sobre os tipos e fatores de risco da Trombose.

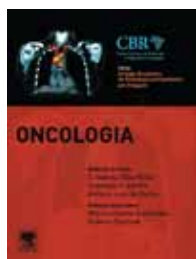
Boa Leitura!



## Literatura e Medicina

Editado pela professora do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG, Rose Mary Ferreira Lisboa da Silva, “Tratado de Semiologia Médica” foi escrito por mais de 100 autores. O livro aborda temas que vão desde a fisiopatologia ao processo do raciocínio clínico para formulação das hipóteses diagnósticas.

**Editora Guanabara Koogan.**

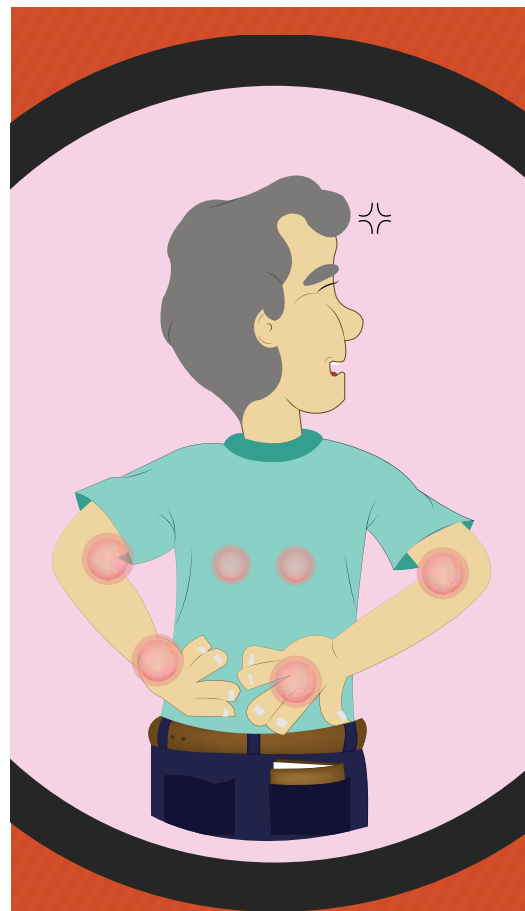


## Oncologia

Tendo como uma das autoras a professora do Departamento de Anatomia e Imagem (IMA) da Faculdade de Medicina da UFMG, Luciana Costa Silva, o livro “Oncologia” discute temas como a detecção precoce, tratamento e avanços tecnológicos para o diagnóstico do câncer. A obra traz ainda mais de 1.700 imagens para auxiliar na compreensão do conteúdo. **Editora Elsevier.**

## Erramos

Diferente do que foi divulgado na Edição N° 40 do Saúde Informa, as inscrições para o curso de qualificação para uso terapêutico de tecnologias assistivas encerraram no mês de junho e não em 30 de setembro como publicado. Mais informações sobre este e outros cursos ofertados pelo Programa Ágora estão disponíveis no site [www.nescon.medicina.ufmg.br/agora/cursos](http://www.nescon.medicina.ufmg.br/agora/cursos).



## Reumatismo: o que devo saber?

**PROFª. CRISTINA COSTA DUARTE LANA**

**ENTRADA GRATUITA**

**22 DE OUTUBRO | QUARTA FEIRA | 12H30**

**Local: sala 150, 1º andar**

**FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG**

**[www.medicina.ufmg.br/quartadasaude](http://www.medicina.ufmg.br/quartadasaude)**



Agende a saúde no seu dia a dia



**UFMG**

## Expediente

**Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – Diretor:** Professor Tarcizo Afonso Nunes – **Vice-Diretor:** Professor Humberto José Alves **Coordenador da Assessoria de Comunicação Social e Editor:** Gilberto Boaventura (MG 04961JP) – **Redação:** Jornalista: Rafaella Arruda, Lucas Rodrigues – **Estagiários:** Caroline Morena, Deborah Castro, Karen Costa e Rayza Kamke. **Projeto Gráfico:** Ana Cláudia Ferreira de Oliveira e Leonardo Lopes Braga. **Diagramação:** Luiz Lagares - **Atendimento Publicitário:** Desirée Suzuki – **Impressão:** Imprensa Universitária – **Tiragem:** 2000 exemplares – **Circulação mensal** – **Endereço:** Assessoria de Comunicação Social, Faculdade de Medicina da UFMG, Av. Prof. Alfredo Balena, 190 / sala 55 - térreo, CEP 30.130-100, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – **Telefone:** (31) 3409-9651 – **Internet:** [www.medicina.ufmg.br](http://www.medicina.ufmg.br); [facebook.com/medicinaufmgoficial](https://facebook.com/medicinaufmgoficial); [www.twitter.com/medicinaufmg](https://twitter.com/medicinaufmg) e [jornalismo@medicina.ufmg.br](mailto:jornalismo@medicina.ufmg.br). É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

## Desafios e alegrias da gestação na doença falciforme

Rafaella Arruda

Quando soube, fiquei assustada e comecei a chorar, diz a jovem Ana Paula Oliveira, de 16 anos, ao lembrar o momento em que confirmou a gravidez. Agora, já com a filha Luiza Vitória no colo, com pouco mais de um mês de vida, Ana Paula está mais tranquila: “Por enquanto está tudo bem, ela não me dá trabalho. O medo já passou”.

Ana Paula foi a primeira gestante do Projeto Aninha, iniciativa do Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) voltada para futuras mães com doença falciforme, que teve a doença diagnosticada pela triagem neonatal. Quando a jovem nasceu, em março de 1998, o diagnóstico precoce, acompanhamento e tratamento para a doença eram iniciados pelo Programa de Triagem Neonatal de Minas Gerais, ação coordenada pela Secretaria de Estado de Saúde e realizada pelo Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad). O Cehmob-MG é uma parceria entre Nupad e Fundação Hemominas.

Considerada uma das doenças hereditárias mais comuns no Brasil, a doença falciforme é uma alteração genética que afeta o sangue e provoca diversas complicações, como a obstrução dos vasos sanguíneos, infecções e crises de dor. A gestação, nestas condições, é considerada de alto risco e requer muita atenção por parte dos serviços de saúde, com atendimento especializado e multidisciplinar.

No caso de Ana Paula, a gravidez só foi conhecida após o quarto mês. “A menstruação dela atrasou, como já havia ocorrido antes, e ela não sentiu nenhuma alteração”, explica a mãe da jovem, Fidelina dos Santos. Após fazer exames e ser encaminhada para o Ambulatório de Saúde Reprodutiva em Doença Falciforme do Projeto Atenção Especializada (PAE), do Cehmob-MG, a gravidez foi confirmada. “Na verdade, a consulta foi transformada como

primeira consulta de pré-natal”, observa a professora do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFMG e médica do Cehmob-MG, Regina Aguiar.

### Cuidados

A gravidez de Ana Paula exigiu diversos cuidados. Segundo Regina, a gestação na adolescência já representa um agravo à saúde pelas possíveis complicações biológicas e consequências ligadas a aspectos sociais e emocionais. Ainda, no caso da jovem, somaram-se as complicações da doença falciforme.

O acompanhamento da gestante foi feito semanalmente com consultas obstétricas e exames variados. “Ela recebeu transfusões sanguíneas, por ter tido um acidente vascular encefálico ainda criança, e teve acompanhamento com hematologista a cada duas semanas”, informa a médica.

Como conta Regina, o fato de a gestação ter sido identificada tardiamente gerou preocupação e angústia na equipe médica: “Essa situação reforça um dos grandes desafios a se enfrentar, que é a organização do cuidado com a saúde reprodutiva dos indivíduos com doença falciforme e que agora chegam à adolescência com melhores condições de saúde, uma vez que foram triados no período neonatal e tiveram acesso a cuidados especializados.”

### Atenção Especializada

“Um dos pontos importantes do Aninha é realizar uma medi-



Representantes do Cehmob-MG com Fidelina e Ana Paula, ainda durante a gravidez.

cina preventiva em relação à gravidez na doença falciforme”, explica a supervisora técnica do Cehmob-MG e coordenadora do Projeto, Milza Cintra.

Contudo, como explica Milza, o ideal é que, antes mesmo da gravidez, mulher e profissional possam definir juntos o melhor momento para a chegada do bebê. Nesse sentido, o PAE propõe organizar o fluxo de atendimento das diferentes especialidades envolvidas na atenção à pessoa com doença falciforme, dentre elas, o aconselhamento reprodutivo.

“Temos que pensar numa forma de todas as crianças triadas para a doença falciforme, a partir de 1998, serem encaminhadas para a saúde reprodutiva no nosso projeto. Assim, é possível que a futura mamãe se estruture em termos sociais e físicos para iniciar uma gravidez.” defende Milza.

“Não tive tempo de falar para minha filha como evitar, agora é aceitar, estamos felizes”, diz Fidelina. Daqui para frente, Ana Paula e o pai da criança, José Victor, de 20 anos, enfrentarão novos desafios. “A responsabilidade é maior que cuidar de uma boneca”, brinca a mãe de primeira viagem.

# Estudo analisa sofrimento psíquico

A partir das demandas que chegam à Escuta Acadêmica foi possível avaliar dificuldades vivenciadas pelos estudantes.

**Karen Costa**

**I**nfrequência às aulas, reprovações, desinteresse pelo estudo: essas são algumas das demandas acadêmicas que chegam à Assessoria de Escuta Acadêmica do Centro de Graduação da Faculdade de Medicina da UFMG (Cegrad), e trazem veladas situações de sofrimento psíquico dos alunos da Unidade.

“Essas demandas aparecem como sintomas de que existem questões causando sofrimento aos alunos e, a partir dessas queixas, trabalhamos fatores associados às dificuldades emocionais de cada estudante”, explica a psicóloga e autora da dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG, Maria das Graças Santos Ribeiro.

Em sua formação, o estudante de medicina vivencia seis anos de curso, com atividades teóricas e práticas, monitorias, iniciação científica, projetos de extensão, ligas acadêmicas e outras

atividades extracurriculares. Quando procura a Escuta Acadêmica, que é um espaço para acolhida dos estudantes, responsável por acompanhar desde os trancamentos de matrícula a demandas originadas por conflitos vivenciados no decorrer do curso, ele traz queixas que podem ser de colegas, professores e familiares e, por vezes, solicita o trancamento de sua matrícula.

A análise das solicitações de trancamentos totais de estudantes do 1º ao 12º período do curso de Medicina, ao longo de seis anos, mostrou que 59,6% dos trancamentos têm como justificativa o sofrimento psíquico. A maior parte dos trancamentos de matrícula aconteceu no Ciclo Básico da Medicina, e 62,8% deles com justificativa de algum sofrimento psíquico e dúvidas relacionadas à escolha do curso, o que apontou para uma necessidade de maior acolhida para esse grupo de estudantes.

“As dificuldades também se encontram na novidade da entrada na Universidade, na pressão familiar, e no percurso da graduação, que exige estudo mais autônomo e possui grande quantidade de conteúdo e carga horária de aulas, por exemplo”, conta Maria.

Outros períodos com índice elevado de trancamentos são o 5º e 6º períodos, logo no início do Ciclo Ambulatorial. A autora explica que é comum ouvir dos estudantes que o atendimento aos pacientes traz sofrimento e angústia, e que é difícil lidar com as situações vivenciadas pelos pacientes.

O estudo também mostrou que entre os motivos do sofrimento psíquico dos alunos estão o volume excessivo de estudos, falta de lazer,



Foto: Caroline Morena



Maria das Graças Santos Ribeiro: é imprescindível que a instituição tenha espaços para acolher os alunos

# Sufrimento psíquico entre estudantes de Medicina

*Experiências vividas pelos alunos e os ambientes de acolhida existentes na Faculdade de Medicina*



insegurança, contato íntimo e constante com a dor e o sofrimento do outro, exigências pessoais.

“Além da sobrecarga de estudos, os alunos são, por vezes, incentivados a participar de diversas atividades extras ao mesmo tempo, até mesmo pelo sentimento de competição com os colegas e pela preocupação com o currículo para a Residência Médica. É preciso fazer escolhas, não é possível fazer todas as atividades e formar-se um profissional completo. O excesso causa adoecimento”, ressalta.

A procura por ajuda, de profissionais internos ou externos, é muitas vezes evitada pelos alunos, pois há um estigma que “aluno com sofrimento psíquico não pode ser médico”. Algumas falas analisadas por Maria das Graças, que também é Assessora da Escuta Acadêmica do Cegrad, mostraram menosprezo por queixas psíquicas e uma grande dificuldade dos futuros médicos e de professores da Faculdade, em lidar com a questão.

## Espaços para acolhida

“É imprescindível que a instituição tenha espaços para acolher os alunos nas dificuldades e disponibilize escuta e apoio. Isto possibilita a percepção de saídas para os impasses vivenciados”, defende Maria.

As possibilidades oferecidas aos estudantes da Faculdade de Medicina para assistência psicológica, apoio e acolhida são o Núcleo de Apoio Psicopedagógico aos Estudantes da Faculdade de Medicina (Napem), a Tutoria, os colegiados, a Assessoria de Escuta Acadêmica e a Fundação Universitária Mendes Pimentel

(Fump), além de professores que se dispõem a um olhar de cuidado para com o aluno.

A Escuta Acadêmica tem tornado possível conhecer e intervir, muitas vezes precocemente, em situações de sofrimento e dificuldades pessoais, com a indicação e incentivo ao tratamento quando se percebe essa necessidade, encaminhamentos diversos, diálogos com professores, familiares e os colegiados.

“Não temos como saber o número exato de estudantes que vai encontrando caminhos com menos sofrimento, mas percebemos isso na diminuição de demandas recorrentes, na busca por tratamento, em uma maior implicação nos motivos que levam aos trancamentos de matrícula, na aproximação de familiares no cuidado com o aluno, no repensar da escolha profissional.”

Com o mesmo propósito, acontecem também o MedCine, que é um espaço de reflexão, e palestras semestrais do Napem para discussão de temas relacionados à vida acadêmica e do estudante. Para a autora da pesquisa, no entanto, é necessário oferecer à comunidade acadêmica mais eventos e espaços de diálogo em que se possa refletir sobre relações mais acolhedoras e menos intolerantes com limitações e fragilidades, também sobre uso de álcool e drogas, sobre a violência nas relações e a alta frequência de sofrimento psíquico entre os estudantes.

“Se estamos formando pessoas para trabalhar com a saúde, cuidar do outro, a instituição deve se preocupar em cuidar também desses futuros profissionais”, conclui.

**Título:** “Sofrimento psíquico entre estudantes de Medicina da UFMG: uma contribuição da Assessoria de Escuta Acadêmica”

**Nível:** Mestrado

**Autora:** Maria das Graças Santos Ribeiro

**Orientadora:** Cristiane de Freitas Cunha Grillo

**Coorientadora:** Cristina Gonçalves Alvim

**Programa:** Promoção de Saúde e Prevenção da Violência

**Defesa:** 31 de julho de 2014

Ilustração: Victor Botelho

# Prescrever ou não prescrever?

*Médicos psiquiatras comentam o uso e o abuso de medicamentos para a saúde mental*

**Lucas Rodrigues**

De Elvis Presley a Michael Jackson, atestados de óbitos associados ao abuso de medicamentos psiquiátricos se tornaram mais frequentes nos últimos anos. Relatório divulgado pelo Departamento Internacional de Controle de Narcóticos, ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), indicou que o uso em excesso desses e outros remédios já supera o consumo somado de heroína, cocaína e *ecstasy*. Mas, pensando na saúde mental do indivíduo, quando, então, recorrer aos medicamentos?

Para o psiquiatra e professor do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG, Rodrigo Nicolato, quadros depressivos e ansiosos que provocam sofrimento e prejuízo à qualidade de vida, independentemente da gravidade, necessitam de tratamento medicamentoso. “Eles podem trazer consequências danosas para a cognição e memória e para o sistema cardiovascular, levando, inclusive, à possibilidade de suicídio”, justifica.

O aumento de prevalência da depressão, em escala global, preocupa o psiquiatra. Segundo ele, cerca de 50% dos quadros depressivos não são diagnosticados, o que leva a crer que metade dos pacientes não recebe o tratamento adequado.

Por outro lado, o psiquiatra clínico e psicanalista Eudis Garcia, professor aposentado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da UFMG, enumera algumas normas clínicas básicas que, segundo ele, os médicos andam desconsiderando: quando a boca cala, o corpo fala; dores da alma não aparecem em exames; depressão e ansiedade são motivos da maioria das consultas médicas. “As queixas hipocondríacas e os transtornos psicossomáticos são sinais corporais de ansiedade. Além disso, tristeza e ansiedade são reações naturais de pessoas em conflitos intrapsíquicos e interpessoais, tratáveis com condutas de apoio e psicoterapias”, completa.

## Tratamento

Se Garcia critica a atual relação entre médico e paciente, muitas vezes ditada pela substituição de uma boa entrevista por pílulas que combatem os sintomas, Rodrigo Nicolato também é reticente em medicar a ansiedade situacional que não indique um transtorno passível de tratamento. Estudos indicam a psicoterapia interpessoal e a cognitivo-comportamental, além da psicoterapia que provoca resposta, como substitutos de psicofármacos em quadros mais leves. Exercícios físicos, terapia ocupacional e assistência social, dentre outras atividades, também podem atuar como fatores preventivos.

“Talvez técnicas de relaxamento, esportes, livros, filmes e jogos poderiam retardar ou mesmo impedir quadros psiquiátricos menos graves em pessoas com menos predisposição genética”, admite Nicolato. O professor, no

entanto, considera a terapia combinada – à base de psicofármacos e psicoterapia – como ideal para esses casos.

Sobre os serviços de saúde do país, Eudis Garcia pondera que a grande demanda inviabiliza uma psicoterapia formal. “O que se propõe é que os agentes de saúde tenham um preparo básico para um atendimento psicossocial e para diferenciar os pacientes com quadros mais graves dos que necessitam somente de intervenções psicológicas”.

Para Nicolato, não é só remédio que pode fazer mal – terapias psicológicas e psicoterápicas podem causar prejuízos se forem mal conduzidas ou realizadas por profissionais não capacitados. “Logicamente, devemos nos afastar dos dogmas: de que remédio e psicoterapia não servem para nada ou que servem para tudo”, resume.

## Medicamentos

Quadros ansiosos crônicos e depressivos leves podem exigir, segundo Rodrigo Nicolato, a associação entre antidepressivos serotoninérgicos, que influenciam na ação da serotonina (molécula envolvida na comunicação entre neurônios), e ansiolíticos benzodiazepínicos, grupo que inclui medicamentos sedativos ou calmantes.

Em geral, os serotoninérgicos apresentam uma latência de 15 a 30 dias quanto à redução de sintomas ansiosos, mas podem provocar sintomas paradoxais em alguns pacientes, que seriam tratados com um benzodiazepínico, caso do Rivotril.

Já Eudis Garcia pensa que os psicofármacos são mais eficazes em situações de esquizofrenia, transtorno bipolar e depressão grave, uma vez que criam condições mais favoráveis para a psicoterapia na fase de manutenção do tratamento. “O que não se justifica é o uso apenas sintomático desses fármacos a longo prazo, sem uma intervenção psicoterapêutica ou no ambiente social que trate as causas da ansiedade e amenize as demandas excessivas e estressantes do meio externo”, ressalta.

E em relação à prescrição inadequada dos benzodiazepínicos ou a automedicação – o Brasil lidera a prática –, Nicolato reconhece a possibilidade de exagero, mas não subestima a importância desses medicamentos. “Não observe a mesma recriminação dos benzodiazepínicos à cerveja, ao vinho. Quantos acidentes automobilísticos ocorrem por abuso de álcool?”, questiona.

Na opinião de Garcia, a automedicação revela a mesma crença mágica no efeito de medicamentos, que leva os médicos a descuidarem da interação interpessoal nas consultas, além da dificuldade de acesso aos profissionais de saúde e de uma descrença em consequência de consultas anteriores que se resumiram a meros pedidos de exames. “Não é preciso ser psicanalista para transformar cada entrevista em uma relação terapêutica”, avalia.

# Pesquisa relaciona depressão em idosos com déficits cognitivos e doença de Alzheimer

*Ao relacionar as três doenças, a pesquisa abre possibilidade de outros estudos que visam melhorar a vida dos idosos com prevenção e o tratamento adequado*

**Deborah Castro**

O professor Breno Satler Diniz, do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG, publicou, em parceria com profissionais da Universidade de Pittsburgh, Estados Unidos, artigo na revista *Molecular Psychiatry*. A publicação foi fruto da pesquisa desenvolvida em seu pós-doutorado nessa universidade.

O artigo buscou avaliar os mecanismos envolvidos com as dificuldades cognitivas apresentadas por idosos com depressão. O estudo foi feito com 80 pacientes acompanhados pelo Centro Avançado para Tratamento e Prevenção da Depressão no Idoso da Universidade de Pittsburgh. Foram considerados os marcadores estruturais do sistema nervoso central, o volume cerebral e alterações cerebrovasculares. Estes foram associados a um conjunto de marcadores estritamente relacionado à doença de Alzheimer. Além disso, avaliou, no plasma dos mesmos pacientes, um painel de aproximadamente 240 proteínas correspondentes as mais variadas funções biológicas.

“Essa pesquisa ampliou de uma maneira significativa nosso conhecimento para saber por que os idosos depressivos têm déficits cognitivos”, afirma Diniz. Ainda, segundo ele, isso é importante porque já se sabe que idosos com depressão e déficits cognitivos apresentam risco muito grande de evoluírem com o tempo para quadro de doença de Alzheimer ou outros como a demência vascular. “Será que esses idosos com depressão e déficit cognitivo apresentam alguma alteração que indicam que possam estar em maior risco ou não? Essa pesquisa buscou isso”, completou.

## Respostas

A primeira descoberta indicou que idosos com depressão e déficit cognitivo apresentam muitos problemas biológicos com alterações em cascatas. Estas correspondem às alterações inflamatórias, alterações neurotróficas, regeneração celular, respiração celular, entre outras. A segunda descoberta foi que estas cascatas são muito semelhantes as que se observa nos idosos com doença de Alzheimer.

Segundo o professor Breno, as alterações mais importantes estão relacionadas a uma proteína inflamatória e uma que é o fator de crescimento de células tronco. “Outra coisa que discutimos muito nesse trabalho é que depressão reduz a saú-



Professor Breno Satler, do Departamento de Saúde Mental

Foto: Bruna Carvalho

de do cérebro, principalmente, se também tiver déficit cognitivo. Ou seja, é um cérebro que envelhece mais rápido”, explica Diniz.

Os achados parecem ser uma realidade mundial. “Uma série de trabalhos que fizemos, primeiro, em São Paulo e depois aqui em Belo Horizonte, mostrou que independente da situação em que você está avaliando os idosos deprimidos, o padrão de alterações é muito semelhante. Ou seja, possivelmente isso se repete em diferentes populações”, explica Breno Satler. “Agora, pretendemos aplicar este estudo aqui, mas com um painel ampliado e olhando outras assinaturas biológicas, com a participação do pessoal de Pittsburgh”, continuou.

## Possibilidades para o futuro

O professor esclarece que a pesquisa amplia o que se conhece sobre a depressão no idoso, possibilita novos tratamentos e prevenção do declínio cognitivo na depressão nesses pacientes e, ainda, mostra o quanto a depressão no idoso é prejudicial, tanto para o sistema nervoso como para o organismo de uma maneira geral.

Assim, de acordo com Diniz, o próprio tratamento da depressão pode ajudar a diminuir o risco de ter a doença de Alzheimer. “Os resultados apontaram, por exemplo, que precisamos testar novamente o medicamento carbonato de lítio que vai influir em uma série destas cascatas alteradas que encontramos”, declarou. Esse medicamento é usado há mais de 60 anos na psiquiatria para tratar o transtorno bipolar de humor. Estimular hábitos de vida saudável, fazer atividades físicas e controlar os fatores de risco cardiovascular também auxiliam nessa prevenção.

O artigo “Assinatura Plasmática e de patologia cerebral relacionadas ao déficit cognitivo em idosos com depressão” (tradução do autor) foi publicado em 5 de agosto de 2014. A *Molecular Psychiatry* é a revista de maior impacto da área de psiquiatria, também ranqueada entre as cinco melhores de neurociências. O artigo está disponível em <http://www.nature.com/mp/journal/vaop/ncurrent/full/mp201476a.html>

# Trombose é a primeira causa de mortalidade no mundo desenvolvido

*Doença pode estar ligada a fatores de risco adquiridos ou genéticos*

**Rayza Kamke**

A trombose arterial, que é caracterizada, principalmente, pelo infarto agudo do miocárdio e pelo acidente vascular cerebral, é a primeira causa de mortalidade nos países com altos níveis de desenvolvimento econômico e social, de acordo com a professora do Departamento de Clínica Médica, Suely Meireles Rezende. Em segundo e terceiro lugar estão o câncer e a trombose venosa, respectivamente.

Ainda segundo Suely, o Brasil deve seguir o mesmo caminho que os países avançados. “Nós temos as causas de mortalidade muito próximas as deles. As pessoas precisam estar conscientizadas, orientadas, entender os sintomas, para que, com ajuda médica, possam fazer um diagnóstico preciso e o tratamento adequado”.

## Trombose arterial

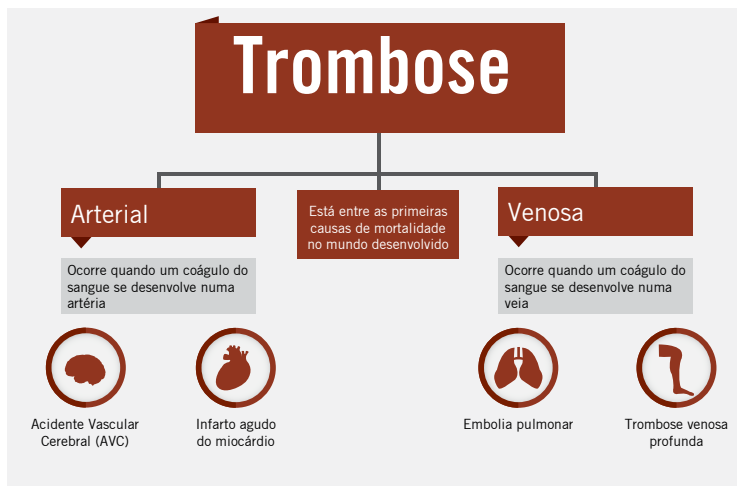
A coagulação do sangue, normalmente, pode ser considerada uma grande vantagem para o corpo humano. No caso de uma lesão, ela garante que as feridas se cicatrizem. Mas, quando a coagulação sanguínea acontece sem que seja necessária, podendo obstruir veias e artérias, é quando ocorre a trombose, venosa ou arterial, respectivamente.

Apesar de serem bastante conhecidos, poucos sabem que o infarto ou o acidente vascular cerebral (AVC) são apresentações clínicas da trombose arterial. Esta acontece quando um coágulo de sangue se desenvolve em uma artéria. Se o coágulo ocorre nas artérias coronárias, pode causar um infarto agudo do miocárdio. Já na circulação cerebral, pode resultar em um AVC. “É um quadro que, dependendo de onde a artéria é obstruída, o paciente terá sintomas mais direcionados para uma área do corpo, ou outra”, ponderou a professora.

A idade, obesidade, diabetes, hipertensão, dislipidemia, uso de anticoncepcional e o tabagismo são fatores de risco ligados a trombose arterial.

## Trombose venosa

Bem menos conhecida, mas não menos importante, existe a trombose venosa, que ocorre quando um coágulo obstrui uma veia. Algumas doenças podem ser classificadas nesta categoria, como a trombose venosa profunda e a embolia pulmonar. “A



trombose venosa acomete, geralmente, os membros inferiores. As trombozes abaixo do joelho costumam ser menos graves e, acima do joelho, tendem a ter uma gravidade maior, já que podem progredir, frequentemente, para uma embolia pulmonar”, explica a especialista.

A embolia pulmonar acomete os vasos do pulmão. O quadro, normalmente súbito, pode ter diferentes graus de gravidade, dependendo do tamanho do vaso obstruído e da extensão da trombose no pulmão. “Acredita-se que o tromboembolismo pulmonar advém de uma trombose dos membros inferiores, cujo coágulo se desprende e se aloja nos pulmões, embora nem sempre identificamos essa trombose quando se atende o paciente”, informou a hematologista.

Os fatores de risco para a trombose venosa podem ser adquiridos ou genéticos. Uma imobilização devido a uma cirurgia, internação prolongada, fratura, uso de anticoncepcionais, ou uma viagem de longa duração são circunstâncias que favorecem o risco da trombose venosa, caracterizando os fatores adquiridos. Os fatores genéticos são associados à deficiência de proteínas

anticoagulantes naturais e mutações genéticas que favorecem a coagulação. “Existem situações nas quais a busca de fatores genéticos é necessária”, avalia Suely.

Segundo a professora, a trombose venosa pode recorrer em 30% dos pacientes dentro de cinco anos desde o primeiro diagnóstico. “A prevenção da trombose é importante e envolve mudanças no estilo de vida e uso de anticoagulantes em situações de risco”.

## Acontece

### I Jornada da Lappa

Nos dias 27 e 28 de outubro, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da UFMG, acontece a I Jornada da Liga Acadêmica de Puericultura, Pediatria e Adolescência (Lappa). Além de palestras, haverá sorteio de livros didáticos, estetoscópio Littmann, otoscópio+ oftalmoscópio Welch Allyn, oxímetro e outros brindes. Os participantes também receberão informações sobre como fazer parte da Lappa.